

Recebido em 09/05/2019 e aprovado em: 13/12/2019

IMAGENS QUE FAZEM PENSAR: A SERIEDADE E O GROTESCO NA NARRATIVA DA PARAÍSO DO TUIUTI E NA TRANSMISSÃO DA REDE GLOBO NO CARNAVAL CARIOCA DE 2018¹

IMAGES THAT MAKE US THINK: THE SERIOUSNESS AND THE GROTESQUE IN THE NARRATIVE OF PARAÍSO DO TUIUTI AND IN THE TRANSMISSION OF REDE GLOBO IN THE CARNIVAL OF RIO DE JANEIRO IN 2018

Márcia Neme Buzalaf²

Alisson Guilherme Gonçalves Bella³

Resumo: Este artigo tem como objeto de análise o desfile de carnaval carioca da escola de samba do bairro de São Cristóvão/RJ, Paraíso do Tuiuti, em 2018 e a narrativa televisiva transmitida pela Rede Globo. A partir do enredo escolhido “Meu Deus, Meu Deus, Está Extinta a Escravidão?” a escola propôs uma reflexão a respeito da exploração do trabalho ao longo da história e, por meio da metodologia do paradigma indiciário de Carlo Ginzburg, propomos analisar a narrativa da escola e a narrativa televisiva, bem como documentos externos à fonte como o enredo, o samba-enredo e entrevistas do carnavalesco Jack Vasconcelos.

Palavras-chave: Paraíso do Tuiuti; Audiovisual; Escravidão; Grotesco.

Abstract: This article analyzes the carnival parade of a Rio de Janeiro Samba School in the district of São Cristóvão/RJ, Paraíso do Tuiuti, in 2018 and the television narrative transmitted by Rede Globo. With the chosen plot-theme – “My God, my God, is slavery extinct?” – the school proposed to reflect on the exploration of the work throughout history and, through the methodology of the indiciary paradigm by Carlo Ginzburg, we propose to analyze the school’s narrative and the television narrative, as well as external documents to the source such as the plot, the Samba plot-theme, and interviews from the carnavalesco, Jack Vasconcelos.

Keywords: Paraíso do Tuiuti; Audio-visual; Slavery; Grotesque.

¹ Este artigo é resultado da pesquisa iniciada na disciplina de “Historiografia e cultura visual nas narrativas contemporâneas” lecionada pela prof.ª Dr.ª Márcia Neme Buzalaf no Programa de Pós-Graduação *Stricto sensu* (Mestrado) em Comunicação da Universidade Estadual de Londrina.

² Professora do Departamento de Comunicação da Universidade Estadual de Londrina (Londrina/PR). E-mail: marciabuzalaf@gmail.com.

³ Atualmente é mestrando no Programa de Pós-graduação em História Social pela Universidade Estadual de Londrina (Londrina, PR) e bolsista CAPES. E-mail: alissongui25@gmail.com.

Introdução

O desfile das escolas de samba pode ser considerado uma festa tradicional em muitas cidades brasileiras. Até 2018, o Rio de Janeiro já fez 125 edições desta festividade carnavalesca. Esta festa, que atualmente acontece na Rua Marquês de Sapucaí ou Sambódromo do Rio de Janeiro, leva ao público um desfile com várias escolas de samba da cidade. Feito em grandes proporções, os desfiles contam com carros alegóricos, várias alas, baterias e coreografias. O que também vem acontecendo nos últimos é a transmissão do carnaval carioca ao vivo pela Rede Globo de televisão. A emissora detém anualmente os direitos de transmissão.

As escolas são divididas em grupos a partir de pontuações recebidas durante o carnaval. A classificação ocorre a partir das séries A, B, C, D e E, bem como o grupo especial. Neste grupo, as escolas concorrem ao título de campeã do carnaval. Dentre as 14 escolas de samba que desfilaram neste grupo em 2018, a Paraíso do Tuiuti – escola de samba fundada em 1952 no bairro São Cristovão –destacou-se pela escolha do enredo. O título escolhido foi “Meu Deus, Meu Deus, Está Extinta a Escravidão?”. Com o intuito de colocar em discussão a exploração do trabalho no passado e no presente, a Paraíso do Tuiuti apresentou um desfile que tratou com seriedade o tema da escravidão, mas também se pronunciou sobre os problemas sociais da atualidade por meio de elementos grotescos.

Neste sentido, este artigo tem por objeto de análise tanto a mensagem da escola, quanto a narrativa televisiva. O enredo propõe uma pergunta e a escola propõe responder a esta questão. Nesta pesquisa, propomos perceber se esta questão foi respondida e de que forma ela foi respondida, isto é, qual é a opinião da escola sobre a exploração do trabalho e quais foram as formas escolhidas pela escola ao defender sua opinião. Além disso, a narrativa televisiva da Globo também é questionada. Ao analisarmos as ideias da Paraíso do Tuiuti, simultaneamente examinamos como estas foram comunicadas pela emissora. A partir da pergunta da escola de samba,

questionamos qual é a resposta, de que maneira ela foi contada e como a Rede Globo decidiu narrar este desfile.

Propomos uma análise feita a partir dos indícios apresentados tanto nas imagens quanto nas falas dos comentaristas Fátima Bernardes, Alex Escobar e Milton Cunha. Analisamos alguns pontos centrais do desfile da escola como a comissão de frente, a ala Cativoiro, o carro alegórico “Neo Tumbreiro”, entre outros. A perspectiva de Carlo Ginzburg (1987) nos parece importante para pensar os indícios presentes na narrativa audiovisual.

Ginzburg explica que a partir dos indícios encontrados nas fontes começamos a inferir do que se trata o documento⁴. Além disso, o autor propõe o uso de documentos externos à fonte de análise para pensar o objeto de pesquisa. Também adotamos esta proposição metodológica. Utilizamos entrevistas do carnavalesco Jack Vasconcelos, a sinopse do enredo, o samba-enredo e fotografias da página de Facebook oficial da escola para compor um estudo sobre a narrativa da escola de samba e a narrativa televisiva do carnaval de 2018. Neste sentido, o presente artigo oferece ao leitor elementos de análise para o entendimento e compreensão dos fatos abordados, quer sejam em relação ao desfile daquela agremiação sambista, quer sejam da transmissão televisiva.

Está extinta a escravidão?

Um enredo carnavalesco pensado através de uma pergunta suscita, em si mesmo, respostas. Em entrevista inicial à Rede Globo, o carnavalesco Jack Vasconcelos (08:55 min) diz que ao final do desfile a escola de samba Paraíso do Tuiuti pretende responder a pergunta contida no

⁴ Em seus trabalhos Ginzburg compara o trabalho do historiador a três homens do século XIX que, cada um a seu modo, colocaram em prática um modo de observação: o indício. Giovanni Morelli demonstrou atenção aos detalhes de pinturas para supor autorias; Sigmund Freud observava os sintomas de seus pacientes; já Sherlock Holmes, um detetive fictício criado por Arthur Conan Doyle, baseou-se em indícios imperceptíveis à maioria para descobrir a autoria de crimes. Estes três homens se baseiam em indícios e, por conseguinte, oferecem às Ciências Humanas um paradigma indiciário, ou em outras palavras, um modelo epistemológico.

enredo: “Meu Deus, Meu Deus, Está Extinta a Escravidão?”. De acordo com o carnavalesco, a reflexão principal foi sobre a exploração do trabalho. Por intermédio de um desfile de 29 alas, 5 alegorias e 1 tripé, a agremiação sambista narrou, a seu modo, um percurso histórico sobre a escravidão desde as primeiras civilizações da antiguidade até a exploração da mão de obra assalariada dos tempos atuais.

De início, a escola abre o desfile com uma comissão de frente teatral: negros escravos são espancados por um capataz também negro e a figura do Preto Velho é fundamental para a comissão de frente, pois este cuida dos feridos e redime o capataz. Logo após o número de abertura, a escola apresenta a História das várias escravidões em diferentes localidades da antiguidade como Egito, Grécia, Babilônia e Roma. No decorrer do desfile vemos especificamente a escravidão negra no Brasil e, após um carro alegórico intitulado “Carro da Lei Áurea” a Paraíso do Tuiuti apresenta problemas sociais da contemporaneidade brasileira.

Na fala de Jack Vasconcelos, notamos o quanto a escola se interessa pela História. De início, o carnavalesco explica que em 2018 completam 130 anos da assinatura da Lei Áurea. Apesar da importância do documento para a História brasileira, percebemos tanto na fala de Jack Vasconcelos como no desfile da agremiação sambista a problematização do documento. Logo após rememorar a assinatura da Lei Áurea, o carnavalesco diz que a escola propõe refletir sobre a exploração do trabalho humano. Em entrevista concedida ao *Centro de Informações das Nações Unidas para o Brasil (2018)*, Vasconcelos diz que o ponto central do enredo é a Lei Áurea e, após esta parte do desfile, as outras alas e carros alegóricos mostraram que a assinatura da lei não resolveu o problema da escravidão, uma vez que não propôs políticas públicas que promovessem a integração do negro no mercado de trabalho.

Em entrevista ao site UOL, o carnavalesco afirma que “fazer carnaval já é um ato político (...) é um sistema de muitos anos, uma mentalidade que vem há séculos e a culpa não é de A, B ou C ou de

determinado partido. Tudo vem de um contexto de intolerância social, racial, sexual, etc.” (Jack Vasconcelos, 2018, entrevista). Neste sentido, percebemos o interesse de Vasconcelos em colocar questões para se refletir. Daí provém a necessidade de que alguns pontos da atualidade sejam colocados em questão, como as manifestações sociais, as favelas, as mudanças nas leis trabalhistas e até mesmo a figura presidencial. A escola propôs uma reflexão sobre os nossos dias e nossos problemas atuais por meio de uma narrativa que tem o tempo como norteador.

Na sinopse do enredo, divulgada à imprensa antes do Carnaval, alguns teóricos são citados como referências bibliográficas. Percebemos o uso de fontes primárias e secundárias para a produção do enredo. Importante destacar a leitura de Joaquin Nabuco (2003) como fonte primária, já que este intelectual foi um dos grandes abolicionistas do século XIX. Encontramos também autores como Jaime Pinsky (2000), que demonstra a experiência da escravidão negra e indígena. Há ainda estudos recentes como dos autores Ricardo Salles e Rafael Marquese (2016), que refletem sobre o processo de capitalização da escravidão, o processo de abolição e o tráfico interno entre os estados brasileiros a partir de um estudo comparado entre as várias escravidões no Brasil, EUA e Cuba.

Neste sentido, o enredo inicia apresentando a exploração da mão de obra escrava. Na sinopse apresentada à imprensa, a escola afirma que a escravidão “Era rentável negócio até para chefes negros que a alimentavam com gente de sua gente. Levou uma raça a oferecer-lhe da própria carne. Separou famílias, subjuguou reis, aprisionou guerreiros, reduziu seres humanos a mercadorias.” (Jack Vasconcelos, 2018, entrevista). Neste trecho, a agremiação sambista apresenta o negro enquanto mercadoria. No início do desfile, a comissão de frente (Imagem 1 e 2) traz uma mensagem em tom sério e emocional. Como na imagem abaixo, negros são açoitados por um capataz também negro. Mas há também a crença religiosa, a figura do orixá Preto Velho aparece para cuidar dos feridos e redimir o capataz.

BUZALAF, Márcia Neme; BELLA, Alisson Guilherme Gonçalves. Imagens que fazem pensar: a seriedade e o grotesco na narrativa da Paraíso do Tuiuti e na transmissão da Rede Globo no carnaval carioca de 2018. **Domínios da imagem**, v. 13, n. 25, p. 6-24, jul./dez. 2019.

Imagem 1 - PEREIRA, EWERTON. Comissão de frente 1. 2018. Fotografia.



Disponível em:

https://www.facebook.com/pg/gresparaisodotuiuti/photos/?ref=page_internal. Acesso em: 10/07/2018.

Imagem 2 - PEREIRA, EWERTON. Comissão de frente 2. 2018. Fotografia.



Disponível em:

https://www.facebook.com/pg/gresparaisodotuiuti/photos/?ref=page_internal. Acesso em: 10/07/2018.

Ainda na sinopse do enredo, encontramos a opinião da escola a respeito dos problemas sociais da atualidade: na exploração do trabalho há uma continuidade histórica. O que antes era cativo, hoje se tornou cativo social. Há uma negligência social que faz com que o negro permaneça sendo explorado nos mais diversos níveis da sociedade brasileira. A escola de samba

BUZALAF, Márcia Neme; BELLA, Alisson Guilherme Gonçalves. Imagens que fazem pensar: a seriedade e o grotesco na narrativa da Paraíso do Tuiuti e na transmissão da Rede Globo no carnaval carioca de 2018. **Domínios da imagem**, v. 13, n. 25, p. 6-24, jul./dez. 2019.

representou este pensamento por meio da ala cativoiro social. Mais do que isso, a ala conjuga passado e presente. Interliga gerações de negros marginalizados. A ala vem logo após o carro alegórico que representa a Lei Áurea. Como já dissemos, esta é a parte central do desfile. No samba-enredo encontramos indícios da mensagem da agremiação sambista sobre a lei:

E assim, quando a lei foi assinada
 Uma lua atordoada assistiu fogos no céu
 Áurea feito o ouro da bandeira
 Fui rezar na cachoeira contra a bondade cruel
 (RUSSO, Cláudio; LUZ, Moacyr; ZEZÉ, Dona; JURANDIR; ANÍBAL, 2018, p.1)

A alusão à lua que assiste fogos no céu remete à novidade, a festa que seria o fim da escravidão no Brasil. Logo após isso, os sambistas cantam que se faz uma reza contra a bondade cruel. Esta bondade é a própria Lei Áurea que, apesar de assinada não trouxe grandes benefícios para os negros em termos de políticas públicas sociais. Esses permaneceram marginalizados pela sociedade. Neste sentido, a ala do “Cativoiro Social” (imagem 3) mostra passistas vestidos de casas sem acabamento e em seus braços, correntes penduradas. Estas fantasias remetem às favelas. O cativoiro permanece. Os negros já não se encontram cativos de seus senhores, mas cativos de uma sociedade hierárquica que afasta os pobres para as favelas.

Imagem 3 – Rede Globo. Ala Cativoiro Social. 2018. Imagem televisiva.



Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cv5UvJoMVZo>. Acesso em: 10/07/2018.

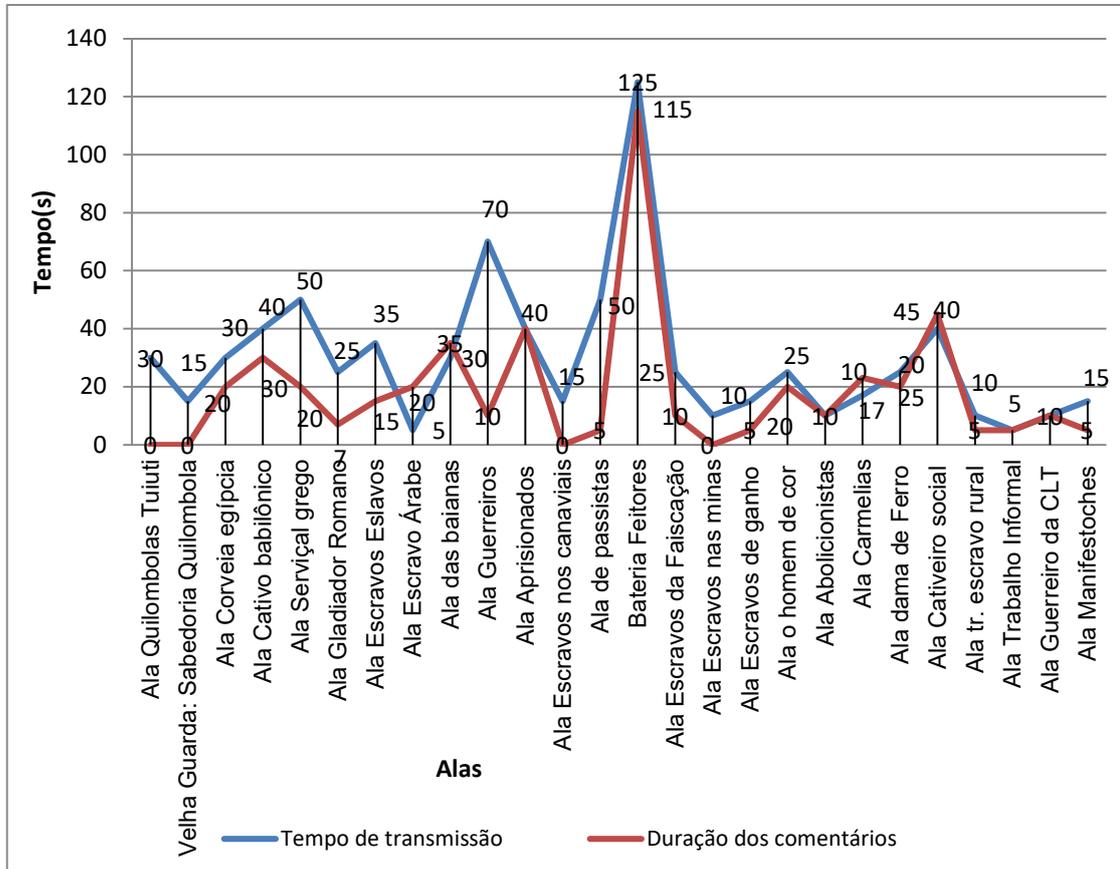
Na narrativa televisiva feita pela Rede Globo, observamos que a ideia de um cativeiro social foi descrita. Os comentaristas apontaram o que esta ala significa sob ponto de vista da escola de samba. A repórter Lília Teles mostrou o desfile do ponto de vista dos passistas. Na fala da repórter o argumento central da escola é enunciado como “O cativeiro social mostra que acabou... já tem a liberdade, mas isso não livrou ninguém da pobreza. Então essa aqui, é a ala das favelas, desse cativeiro social (...)”. (42:45 min). Apesar de ser sucinto, o comentário de Teles consegue responder à pergunta da Paraíso Tuiuti já que na interpretação da repórter apesar da liberdade ainda há a pobreza nas favelas.

Por outro lado, a partir desta ala, vários problemas contemporâneos são colocados em questão pela escola. É neste momento que a narrativa da emissora mescla momentos de silêncios e comentários rápidos e rasos. Fica claro que o ponto de vista da escola não foi totalmente contado já que alas como a dos “manifestoches” foram pouco exploradas. Os comentaristas apenas liam os nomes dos carros alegóricos ou das alas.

Podemos observar no gráfico 1 a divisão de tempo das alas. Com exceção da ala cativeiro social, as últimas alas e o último carro alegórico foram transmitidos por menos tempo: as alas que mostravam o trabalho escravo egípcio, babilônico, grego ou romano, tiveram maior destaque do que os problemas sociais elencados nas últimas. Na finalização do desfile, a Globo volta a mostrar elementos da bateria ou rápidas reprises de outros momentos do desfile. Após isso, os comentaristas entrevistam membros da escola. Estes momentos finais permanecem durante cerca de 18 minutos da transmissão. Podemos perceber que havia tempo suficiente para que as alas finais pudessem ser transmitidas com tempo hábil para que o telespectador pudesse ver o desfile, do mesmo modo que os comentaristas também poderiam fornecer dados aprofundados sobre estas alas, como foi feito em outros momentos.

BUZALAF, Márcia Neme; BELLA, Alisson Guilherme Gonçalves. Imagens que fazem pensar: a seriedade e o grotesco na narrativa da Paraíso do Tuiuti e na transmissão da Rede Globo no carnaval carioca de 2018. **Domínios da imagem**, v. 13, n. 25, p. 6-24, jul./dez. 2019.

Gráfico 1 – Tempo de transmissão da Rede Globo e duração dos comentários sobre as alas no desfile da escola de samba Paraíso do Tuiuti (em segundos)

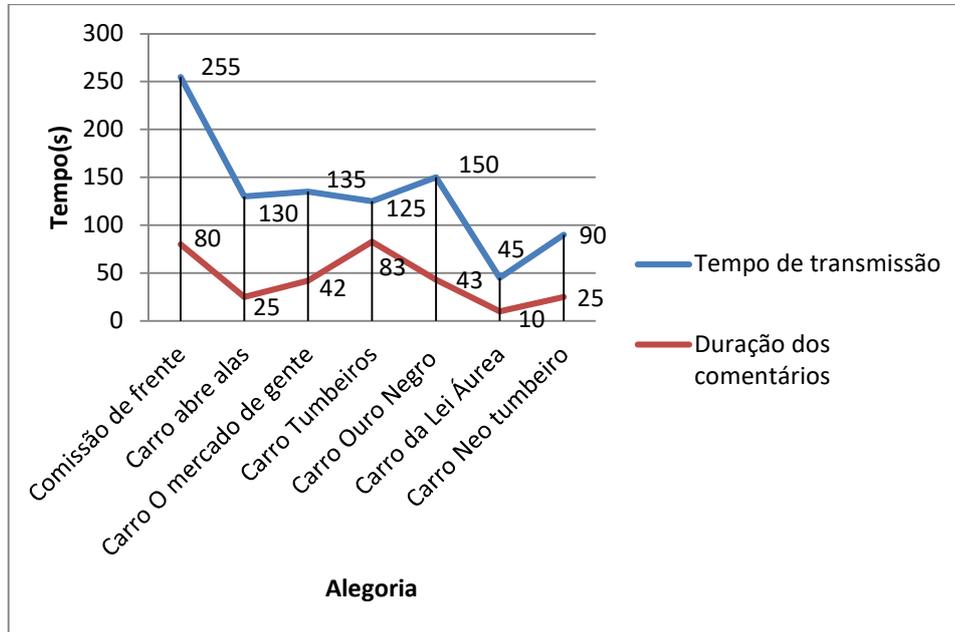


Fonte: Próprio autor

Os carros alegóricos recebem maior destaque. Isto ocorre, pois há um maior número de adereços e fantasias a ser mostrado. No entanto, notamos a mesma disparidade mencionada acima. As alegorias iniciais recebem maior tempo do que as últimas. Como já mencionamos no início, o ponto central do desfile é a Lei Áurea. Esta alegoria foi pouco comentada. A última alegoria mostra o carro “Neo Tumbeiro”. Este carro alegórico encerra o desfile com a mensagem final da escola a respeito das políticas neoliberais da atualidade. O gráfico 2 demonstra o tempo dedicado às alegorias da escola.

BUZALAF, Márcia Neme; BELLA, Alisson Guilherme Gonçalves. Imagens que fazem pensar: a seriedade e o grotesco na narrativa da Paraíso do Tuiuti e na transmissão da Rede Globo no carnaval carioca de 2018. **Domínios da imagem**, v. 13, n. 25, p. 6-24, jul./dez. 2019.

Gráfico 2 – Tempo de transmissão da Rede Globo e duração dos comentários sobre as alegorias o desfile da escola de samba Paraíso do Tuiuti (em segundos)



Fonte: Próprio autor

Isto ocorre porque a emissora é detentora deste discurso audiovisual. Em outras palavras, o que é dito e mostrado para o público parte de escolhas que representam a política institucional da empresa. Marialva Barbosa (2008), ao estudar minisséries da Globo, argumenta sobre a verossimilhança. Para a autora, é impossível chegar a uma narrativa verdadeira, ou seja, é ilusório pensar que a narrativa descreve um fato histórico. No limite, essa narrativa demonstra pontos de vista, chegando à verossimilhança e não à reconstrução do passado. Podemos aplicar esta ideia à transmissão do carnaval. Mesmo sendo uma transmissão ao vivo, a empresa escolhe qual imagem privilegiar e de que forma descrever o enredo.

Não podemos dizer que a Globo distorceu o enredo da Paraíso do Tuiuti. Mas podemos demonstrar como parte deste enredo foi silenciado. Aos 44 minutos da transmissão da escola de samba, a Globo enunciava a ala “Guerreiros da CLT” (Imagem 4). Os passistas desfilam fantasiados de Carteiras de Trabalho com muitos braços. As Carteiras de Trabalho encontram-se sujas. Isto faz referência às mudanças das leis trabalhistas. Neste caso, os comentaristas não fizeram referência a estas leis e nem as mudanças que

BUZALAF, Márcia Neme; BELLA, Alisson Guilherme Gonçalves. Imagens que fazem pensar: a seriedade e o grotesco na narrativa da Paraíso do Tuiuti e na transmissão da Rede Globo no carnaval carioca de 2018. **Domínios da imagem**, v. 13, n. 25, p. 6-24, jul./dez. 2019.

estão em constante discussão na Câmara e Congresso Nacional. O que Fátima Bernardes comenta é que os passistas estão com vários braços, pois representam uma classe sobrecarregada. As imagens são mostradas de forma muito rápida como pudemos notar no gráfico acima.

Imagem 4 – Rede Globo. Ala Guerreiro da CLT. 2018. Imagem televisiva.



Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cv5UvJoMVZo>. Acesso em: 10/07/2018.

A imagem da CLT reaparece no fim do desfile, desta vez em grandes proporções na parte traseira do último carro alegórico. Fátima Bernardes (46:50 min) faz uma alusão à questão trabalhista: “Carteira de trabalho também, como uma defesa aos direitos trabalhistas, né”. Os outros comentaristas não descrevem a imagem, nem exploram o tema, apenas mencionam a reaparição da imagem.

Além da imagem de uma carteira de trabalho sucateada, a escola levou ao sambódromo alas que dizem respeito ao trabalho escravo. O trabalho escravo rural (Imagem 5) é demonstrado por meio de fantasias de grandes cestas em que grandes instrumentos de trabalho rural estão encaixados atrás. Novamente, correntes nos braços. Por meio de um casal porta-bandeira (Imagem 6), o desfile traz a mensagem do trabalho escravo

BUZALAF, Márcia Neme; BELLA, Alisson Guilherme Gonçalves. Imagens que fazem pensar: a seriedade e o grotesco na narrativa da Paraíso do Tuiuti e na transmissão da Rede Globo no carnaval carioca de 2018. **Domínios da imagem**, v. 13, n. 25, p. 6-24, jul./dez. 2019.

na área da confecção de vestuário. Aqui, a passista representa a costureira escravizada, enquanto o passista representa o empresário que escraviza.

Imagem 5 – Rede Globo. Ala Trabalho Informal. 2018. Imagem televisiva.



Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cv5UvJoMVZo>. Acesso em: 10/07/2018.

Imagem 6 – Rede Globo. Casal porta bandeira. 2018. Imagem televisiva.



Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cv5UvJoMVZo>. Acesso em: 10/07/2018.

À medida que vamos analisando as imagens criadas pela Paraíso do Tuiuti, percebemos que além de imagens fortes, como o açoite dos escravos da comissão de frente, a escola também usou do cômico nas fantasias e alegorias. Mais do que isto, uma mistura de humor com o horror que, ao mesmo tempo choca e diverte o observador. Percebemos aqui uma categoria estética: o grotesco. A grosso modo, o grotesco é a junção do risível e do horrível. Para Wolfgang Kayser (2002) o grotesco é essa mistura de

percepções e sensações que a imagem pode provocar. O exagero, o desproporcional e o animalesco denotam o risível, pois não há somente o feio, mas a combinação do riso nas imagens.

Mikhail Bakhtin (2010) avança um pouco mais. O autor estuda o carnaval na Idade Média e Renascimento. No carnaval, a essência da cultura popular se sobrepõe ao erudito. Daí provém uma ligação cósmica com o universal onde não há separação do homem com o mundo. A isto, o autor chamou de “realismo grotesco”. Apesar de serem períodos bastante distintos, podemos destacar a teoria do autor, uma vez que no carnaval de 2018, a Paraíso do Tuiuti usou da cultura popular para se expressar, e escolheu fazer isso por meio de elementos que caracterizam o grotesco.

O grotesco pode ter uma criticidade. Os elementos estéticos podem ser usados para passar uma mensagem crítica ao público que o vê. É este o caso da escola de samba. Para Muniz Sodré e Raquel Paiva (2002, p. 64-65) a crítica do grotesco tem caráter reeducativo. De acordo com os autores:

O grotesco dá margem a um discernimento formativo do objeto visado. Ou seja, não propicia apenas uma privada percepção sensorial do fenômeno, mas principalmente o desvelamento público e reeducativo do que nele tenta-se ocultar. É, assim, um recurso técnico para desmascarar convenções e ideias, ora rebaixando as identidades poderosas e pretensiosas, ora expondo de modo risível ou tragicômico os mecanismos do poder abusivo. (Grifos do autor)

É justamente este recurso para rebaixar identidades poderosas e expor mecanismos de poder que a Paraíso do Tuiuti utiliza. A escola expõe uma figura presidencial (Imagem 7), ridicularizando-a de forma grotesca para denunciar.

BUZALAF, Márcia Neme; BELLA, Alisson Guilherme Gonçalves. Imagens que fazem pensar: a seriedade e o grotesco na narrativa da Paraíso do Tuiuti e na transmissão da Rede Globo no carnaval carioca de 2018. **Domínios da imagem**, v. 13, n. 25, p. 6-24, jul./dez. 2019.

Imagem 7 – Rede Globo. Vampiro Neoliberalista. 2018. Imagem televisiva.



Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cv5UvJoMVZo>. Acesso em: 10/07/2018.

A fantasia do “Vampiro neoliberalista” vestida por Léo Dias, um dos diretores da escola de samba, foi a parte do desfile que causou maior repercussão na imprensa nacional e internacional. A imagem revela uma figura grotesca de um ser com dentes de vampiro, asas de morcego, uma capa contendo dinheiro no seu interior e a faixa presidencial. A fantasia faz parte de um carro alegórico chamado “Neo-tumbeiro”. Na narrativa da Rede Globo (47 min), pouco foi dito:

Milton Cunha: Leozinho chefe do atelier da Tuiuti, lá no quarto andar.

Alex Escobar: Ta com uma facha de presidente... o vampiro aí.

Fátima Bernardes: Vampiro neoliberalista.

A ligação de Michael Temer a imagem é bastante óbvia. Na República Federativa do Brasil, somente este homem carrega a faixa presidencial oficial. Na narrativa televisiva não foi dito o nome de Temer. No entanto, não houve a necessidade, já que a faixa presidencial é figuração explícita de um presidente. Por outro lado, os comentaristas não fizeram alusão ao presidente em exercício, nem ao dinheiro que está presente na

fantasia e nem mesmo ao fato de ser um vampiro⁵. No caso do carnaval da Tuiuti, Temer representa a figura central do neoliberalismo que explora os trabalhadores e monopoliza o dinheiro, uma vez que a fantasia também tem cédulas usadas como adereço. Na parte inferior do carro “Neo-tumbeiro”, encontram-se trabalhadores dos mais diversos níveis. Há então, uma exploração de cima para baixo e que começa pela figura presidencial.

O carro “Neo-Tumbeiro” faz alusão aos navios tumbeiros. No período escravista, navios transportavam escravos que, nestas travessias, muitas vezes morriam. Pelo alto índice de mortalidade, os navios foram chamados assim, já que remetiam à ideia de tumbas. A Paraíso do Tuiuti passa a mensagem de que o “neo-tumbeiro” representa a exploração do trabalho. Já não há navios que carregam escravos para o Brasil, mas ainda há a exploração por parte das políticas neoliberais do atual presidente em exercício.

Propomos como último ponto de análise do desfile a ala “Manifestoches” (Imagem 8). Deixamos a análise desta ala para o final, pois sua mensagem carrega uma ironia com relação à narrativa da Rede Globo. A fantasia tem alguns elementos interessantes. Na mão dos passistas se destacam as panelas. Ao longo do segundo mandato do governo de Dilma Rousseff se tornou comum alguns manifestantes baterem suas panelas nas janelas e sacadas de suas casas. Os passistas usam as cores azul, verde e amarelo, outro símbolo das manifestações contrárias ao governo de Rousseff, já que nas manifestações ocorridas durante seu segundo mandato era comum o uso de camisetas verde e amarelas.

⁵ A imagem de Temer como um vampiro é bastante recorrente, seja através de charges ou nas redes sociais. Também não é algo novo. Em 1997, Chico Caruso criou uma charge em que Temer é um vampiro para o jornal O Globo. Até então, Temer era o presidente da Câmara dos Deputados. A este respeito ver a fotogaleria “Temer em charges desde os anos 90” do acervo digital O Globo. Disponível em: <http://acervo.oglobo.globo.com/fotogalerias/temer-em-charges-desde-os-anos-90-19408487> . Acesso: 10/07/2018.

BUZALAF, Márcia Neme; BELLA, Alisson Guilherme Gonçalves. Imagens que fazem pensar: a seriedade e o grotesco na narrativa da Paraíso do Tuiuti e na transmissão da Rede Globo no carnaval carioca de 2018. **Domínios da imagem**, v. 13, n. 25, p. 6-24, jul./dez. 2019.

Imagem 8 - PEREIRA, EWERTON. Ala Manifestoches. 2018. Fotografia.



Disponível em:

https://www.facebook.com/pg/gresparaisodotuiuti/photos/?ref=page_internal. Acesso em: 10/07/2018.

Na cintura dos assistentes, um enorme pato de borracha com cifrão no lugar dos olhos. Um nariz de borracha também é usado. Aliado a estes elementos risíveis uma enorme mão comanda tudo e dá o tom grotesco às fantasias. Estes vários elementos estão conjugados com o nome dado à ala: Manifestoches. Como fantoches comandados por uma grande mão, o bater de panelas torna-se grotesco, como na fórmula proposta por Wolfgang Kayser: o cômico e, simultaneamente, o feio. Estas grandes mãos simbolizam como os manifestantes compram as ideias dos poderosos e se tornam fantoches.

A ironia é que a ideia de um fantoche é a manipulação feita por uma mão. Num ato político, há uma manipulação por parte de quem propaga a ideia, ou seja, os próprios veículos de comunicação. A Globo também é um meio de comunicação. Assim como na fantasia do "Vampiro Neoliberal", percebemos que a descrição dos comentaristas também é falha (44:30 min). Houve apenas comentários curtos:

Fátima Bernardes: Agora a ala das manifesta... os manifestoches
Alex Escobar: he
Milton Cunha: Manipulados! Fantoches!

Assim sendo, chamamos a atenção para a ironia de que em uma ala na qual se coloca em questão o poder da mídia sobre os brasileiros, os comentários são rasos. Isto é, a escola pode até ter colocado esta questão para a discussão, ao passo que a Rede Globo preferiu não entrar neste campo, apenas enunciando o nome da ala e, no limite, separando o neologismos das duas palavras que compõe o título da ala, como fez Milton Cunha: "Manipulados! Fantoches!".

Considerações Finais

Ao longo deste artigo tivemos a intenção de entender a questão formulada no enredo de carnaval da escola Paraíso do Tuiuti e, principalmente, averiguar se esta questão foi respondida ao final do desfile, visto que esta foi a intenção do carnavalesco Jack Vasconcelos. Entendemos as imagens televisivas da Rede Globo como fonte e objeto de pesquisa, uma vez que pensamos as questões centrais do desfile através destas imagens, mas também examinamos como a narrativa da emissora se desenvolveu ao longo do desfile.

Seguindo os passos de Carlo Ginzburg, verificamos os indícios e documentos externos à narrativa audiovisual, como a sinopse do enredo, o samba-enredo, entrevistas do carnavalesco e fotografias da página oficial da escola. Neste sentido, escolhemos alguns pontos fundamentais para o desfile. A comissão de frente apresentou violência presente nas experiências da escravidão do Brasil. A Lei Áurea foi entendida como o ápice do desfile e, a partir do carro alegórico que representava a assinatura da lei até o fim do desfile, a escola abordou problemas sociais desenvolvidos pela marginalização dos negros ao longo do tempo.

A partir disso, podemos responder à questão inicial: a agremiação sambista conseguiu responder a pergunta do enredo "Meu Deus, Meu Deus, Está Extinta a Escravidão?". Os problemas sociais ainda existem e os impasses que envolvem as reformas trabalhistas também. A escola conseguiu, de forma clara, responder que há a exploração da mão de obra no Brasil e, além disso, levou ao sambódromo a crítica à figura presidencial exagerando a imagem e levando a figuração do grotesco para o desfile.

Podemos dizer também que a narrativa da Rede Globo foi superficial. Não houve menção a detalhes importantes para a mensagem do enredo. Os problemas sociais têm seu ápice na imagem do "Vampiro neoliberal", a isto a emissora preferiu não mencionar. Mesmo com uma narrativa rasa a força das imagens registradas conseguiu passar a mensagem, uma vez que o uso de elementos como a emoção da comissão de frente ao mostrar negros sendo espancados, ou mesmo o grotesco vampiro que carregava a faixa presidencial conseguiram ultrapassar a oralidade dos apresentadores e, assim, comunicar a ideia principal do enredo.

Por fim, chegamos à conclusão de que a Paraíso do Tuiuti respondeu seu enredo e construiu a sua mensagem por meio do uso de imagens que chocam. A seriedade e a emoção ao lidar com uma História que tem as marcas da escravidão, bem como a figuração grotesca, fizeram a escola ser percebida pela mídia, como demonstramos por meio das matérias jornalísticas citadas neste artigo, mas também reconhecida pelos pares, recebendo o título de vice campeã do carnaval do Rio de Janeiro de 2018.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: O contexto de François Rabelais**. São Paulo: Hucitec, 2010.

BARBOSA, Marialva. Meios de Comunicação e usos do passado: temporalidade, rastros, vestígios e interfaces entre comunicação e História. In: RIBEIRO, A. P. G.; HERSCHMANN, M. (org.). **Comunicação e história. Interfaces e novas abordagens**. RJ: GU / Mauad X, 2008, p.83-96.

BUZALAF, Márcia Neme; BELLA, Alisson Guilherme Gonçalves. Imagens que fazem pensar: a seriedade e o grotesco na narrativa da Paraíso do Tuiuti e na transmissão da Rede Globo no carnaval carioca de 2018. **Domínios da imagem**, v. 13, n. 25, p. 6-24, jul./dez. 2019.

Desfile de Carnaval. **Carnaval Globeleza**. Rio de Janeiro: Rede Globo, 11/02/2018. Transmissão da escola de samba Paraíso do Tuiuti. 1:08 hr (YouTube). Acesso em: 10/07/2018. Disponível em: <https://youtu.be/cv5UvJoMVZo>

GINZURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais**: Morfologia e História. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

KAYSER, Wolfgang. **O Grotesco**: configuração na pintura e na literatura. São Paulo: Perspectiva, 2009.

Paraíso do Tuiuti. **Sinopse do Enredo**. Rio de Janeiro: 2018. Acesso em: 10/07/2018. Disponível em: <http://liesa.globo.com/2018/por/03-carnaval/enredos/paraiso/paraiso.html>

RUSSO, Claudio; LUZ, Moacyr; ZEZÉ, Dona; JURANDIR; ANÍBAL. **Meu Deus, Meu Deus, Está Extinta a Escravidão?**. Rio de Janeiro: 2018. Samba enredo. Acesso em: 10/07/2018. Disponível em: <http://liesa.globo.com/2018/por/03-carnaval/sambasenredo/paraiso/paraiso.html>

SODRÉ, Muniz e PAIVA, Raquel. **O império do grotesco**. Rio de Janeiro. Mauad Editora, 2002.

VASCONCELOS, JACK. A história da escravidão e os 130 anos da Lei Áurea serão destaque no carnaval do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: 2018. **ONU BR**, Entrevista concedida ao Centro de Informação das Nações Unidas para o Brasil. Acesso em: 10/07/2018. Disponível em: https://www.facebook.com/ONUBrasil/videos/1680047892079694/?hc_ref=ARRFVafV2ItWRaxk5dvxoHdNJ7K-KkC-cra-XS1IZsH9RcxYg9GZgXUrCnTR_5Bpo4M

_____. Fazer Carnaval é um ato político, diz carnavalesco criador do vampiro Temer. Rio de Janeiro: 2018. **UOL**. Entrevista concedida a Anderson Baltar. Acesso em 10/07/2018. Disponível vem: <https://carnaval.uol.com.br/2018/colunas/anderson-baltar/2018/05/11/jack-vasconcelos-fazer-carnaval-e-um-ato-politico.htm>